

BOLETIM DO

**MUSEU
PARAENSE
EMÍLIO GOELDI**

ANTROPOLOGIA

GOVERNO DO BRASIL

Presidência da República

Presidente - *Fernando Henrique Cardoso*

Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT

Ministro - *José Israel Vargas*

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

Presidente - *José Gálzia Tundisi*

Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG

Diretor - *Adélia de Oliveira Rodrigues*

Diretor Adjunto de Pesquisa - *Antonio Carlos Magalhães*

Diretora Adjunta de Difusão Científica - *Helena Andrade da Silveira*

Comissão de Editoração - MPEG

Presidente - *Lourdes Gonçalves Furtado*

Editor-Associado - *Lourdes Gonçalves Furtado* (Antropologia)

Maria Cândida D.M. Barrós (Linguística)

Fernando L. Tavares Marques (Arqueologia)

Equipe Editorial - *Laís Zumero, Iraneide Silva, Socorro Menezes, Elminda Santana*

CONSELHO CIENTÍFICO

Consultores

Adélia de Oliveira Rodrigues - MPEG

Arion Dall'Igna Rodrigues - UnB

Berta Ribeiro - Museu Nacional

Betty J. Meggers - Smithsonian Institution

Carlos de Araújo Moreira Neto - Museu do Índio

Dorath Pinto Uchôa - Instituto de Pré-História - USP

Igor Chmyz - Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas

João Batista B. Pereira - USP

Luís de Castro Faria - Museu Nacional

Lux Vidal - Fac. Filos. Letras e Ciênc. Humanas - USP

Maria Conceição Moraes C. Beltrão - Museu Nacional

Roberto Cardoso de Oliveira - UNICAMP

Roberto da Matta - Museu Nacional

Ulpiano Bezerra de Menezes - USP

Walter Alves Neves - USP

Yonne de Freitas Leite - Museu Nacional

Ministério da Ciência e Tecnologia
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi

Série
ANTROPOLOGIA
Vol. 13(2)

Belém - Pará
Dezembro de 1997



MCT/CNPq
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Parque Zoobotânico - Av. Magalhães Barata, 376 - São Braz
Campus de Pesquisa - Av. Perimetral - Guamá
Caixa Postal: 399 - Fones: Parque (091) 249-1233,
Campus (091) 246-9777 - Fax: (091) 249-0466
CEP 66040-170 - Belém - Pará - Brasil

O *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia* foi fundado em 1894 por Emílio Goeldi e o seu Tomo I surgiu em 1896. O atual *Boletim* é sucedâneo daquele.

The *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia* was founded in 1894, by Emilio Goeldi, and the first volume was issued in 1896. The present *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* is the successor to this publication.

[f], [ɲ] E [h]: FONOGÊNESE EM TIRIYÓ (KARÍB)

Sérgio Meira¹

RESUMO - Este trabalho examina três fones problemáticos em Tiriyo: [f], [ɲ] e [h]. Embora, à primeira vista, eles pareçam fonêmicos, um exame mais cuidadoso revela interações com o sistema de acento rítmico do Tiriyo, que sugerem uma análise baseada em grupos consonantais subjacentes. Contudo, visto serem essas interações o único sintoma de sua natureza complexa, uma reanálise desses fones como segmentos simples é bastante plausível, e pode já estar ocorrendo, sobretudo entre os mais jovens.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; Família Karíb; Diacronia; Reanálise.

ABSTRACT - This paper examines three problematic phones in Tiriyo: [f], [ɲ] and [h]. Although they appear to be phonemic at first sight, closer scrutiny reveals interactions with the Tiriyo rhythmic stress system which point to a consonant cluster analysis. Since, however, these interactions are the only symptom of their cluster status, a possible reanalysis as single segments is possible, and may be in process, at least for some of them.

KEY WORDS: Phonology; Cariban family; Diachrony; Reanalysis.

¹ Museu Paraense Emílio Goeldi/Rice University.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente opúsculo é apresentar três fones da língua Tiriyo² que podem estar a ponto de tornarem-se fonemas independentes, sendo a sua interação com o sistema de acento rítmico existente na língua a única característica fonológica (sobretudo na fala dos mais jovens) que ainda os torna analisáveis como realizações de seqüências de outros fonemas. Espera-se, assim, descrever um interessante caso fronteiriço, onde pode estar ocorrendo um processo de surgimento de novos fonemas (“fonogênese”).

O SISTEMA DE ACENTO RÍTMICO DO TIRIYO

Existe em Tiriyo um sistema rítmico caracterizado pela ocorrência de acento secundário em todas as sílabas pares de uma palavra fonológica, contando-se da esquerda para a direita, com exceção da sílaba final, que nunca recebe acento.³ Esta regra é válida irrestritamente para palavras compostas apenas por sílabas abertas (V e CV); neste caso, o acento secundário em palavras pronunciadas isoladamente tende a realizar-se como prolongamento vocálico e tom alto:⁴

² O Tiriyo (conhecido pelos falantes como [ta.rëẽ.no] ou [ta.rëẽ.no i.yoo.mi], ‘língua de índio’) é uma língua da família Karíb falada por cerca de 1.500 pessoas nos dois lados da fronteira do Brasil com o Suriname. Cerca de 600 vivem do lado brasileiro, perto das cabeceiras dos rios Paru de Oeste, Paru de Leste e Marapi, no Estado do Pará; os demais vivem no Suriname, possivelmente ao longo dos rios Tapanahoni, Paloemeu e Sipaliwini. Os dados utilizados no presente trabalho foram recolhidos nas aldeias situadas na área da Missão Tiriós, uma missão franciscana localizada no alto Paru de Oeste, em três viagens curtas ao campo, realizadas no âmbito do Projeto de Documentação das Línguas Karíb do Norte do Brasil, coordenado pelo Dr. Spike Gildea (Museu Paraense Emílio Goeldi/Rice University) e financiado pela Fundação Nacional da Ciência dos Estados Unidos (*National Science Foundation*), através da bolsa de apoio No. DBS-9210130.

³ Palavras bissilábicas e monossilábicas constituem um problema não inteiramente resolvido. A discussão no presente trabalho referir-se-á apenas a palavras com três sílabas ou mais. Cf. Meira ms para um tratamento mais minucioso do sistema de acento rítmico em Tiriyo.

⁴ Nas transcrições a seguir, um ponto < . > representa uma fronteira de sílaba; o acento agudo representa um tom alto, e o acento grave, um tom baixo. Vogais prolongadas são representadas como vogais dobradas; quando for preciso representar o prolongamento vocálico sem identificar a vogal, usar-se-á o símbolo < : >. O símbolo < ẽ > representa uma vogal central média (‘schwa’). Dificuldades tipográficas impossibilitaram o uso dos acentos grave e agudo com o símbolo < ẽ >; nas transcrições fonéticas (escritas entre colchetes, []), deve-se ler um < ẽ > dobrado como tendo tom alto, e um < ẽ > simples como tendo tom baixo.

/pakoro/	[pà.kóó.rò]	‘casa’
/kanawa/	[kà.náá.wà]	‘canoa’
/taripi/	[tà.ríí.pì]	‘macaco-prego’
/piyana/	[pì.yáá.nà]	‘gavião’
/eneto/	[è.néé.tò]	‘lente, instrumento para ver’
/yipakoro/	[yì.páá.kò.rò]	‘minha casa’
/ikanawa/	[ì.káá.nà.wà]	‘canoa dele/dela’
/arimina/	[à.ríí.mì.nà]	‘porquê’
/yiyaramata/	[yì.yáá.rà.máá.tà]	‘meu queixo’
/mapotomati/	[mà.póó.tò.máá.tì]	‘vocês todos ajudaram’
/wekaramane/	[wè.káá.rà.máá.nè]	‘eu dei’
/wekaramapone/	[wè.káá.rà.máá.pò.nè]	‘eu fiz ele/ela dar’
/memuririmapoti/	[mè.múú.rì.ríí.mà.póó.tì]	‘vocês enrugaram-no’

Em palavras que contenham sílabas não-CV, o sistema rítmico é perturbado. Uma sílaba não-CV (que pode ser, em Tiriyó, CVh, CVN, CV: ou CV₁V₂(N,h), com N = /n/ ou /m/), qualquer que seja a sua posição dentro da palavra, recebe obrigatoriamente acento secundário (realizado como tom alto, mas sem prolongamento vocálico); depois dela, o padrão rítmico continua normalmente, como se ali começasse uma nova palavra:

/mahtipi/	[máh.tì.pì]	‘lenha’
/yentane/	[yén.tà.nè]	‘eu acordei’
/aimara/	[ái.mà.rà]	‘traíra grande’
/yeekane/	[yéé.kà.nè]	‘ele me mordeu’
/wehtëpoti/	[wéh.të.póó.tì]	‘eu fiz eles/elas meditarem’
/mempakane/	[mém.pà.káá.nè]	‘você acordou-o/a’
/meurëpone/	[méu.rë.póó.nè]	‘você fez ele/ela latir’
/meekatëne/	[mée.kà.tëë.nè]	‘vocês morderam-no/na’
/kehtëpotëne/	[kéh.të.póó.të.nè]	‘nós fizemos ele/ela meditar’
/mempakatëne/	[mém.pà.káá.të.nè]	‘vocês todos acordaram-no/na’
/maitëpotëne/	[mái.të.póó.të.nè]	‘vocês todos derrubaram-no/na’

/meekapotëne/	[méé.kà.póó.të.nè]	‘vocês todos morderam-no/na’
/kinerahtëpoti/	[kì.néé.ráh.të.póó.tì]	‘ele fez eles/elas todos acharem’
/makorommatëne/	[mà.kóó.róm.mà.tëë.nè]	‘vocês todos ajudaram-no/na’
/kitëtoimatëne/	[kì.tëë.tói.mà.tëë.nè]	‘nós todos nos misturamos’
/kinakaamapoti/	[kì.náá.káá.mà.póó.tì]	‘ele fez eles/elas repreenderem’

Sistemas de acento rítmico semelhantes a este são muito freqüentes na família Karíb; vejamos, por exemplo, Hoff 1968 (Carib do Suriname), Derbyshire 1979, 1985 (Hixkaryâna), Hall 1988 (De'kwana), Abbott 1991 (Makuxí), Gildea ms (Kaxuyâna).

FONES PROBLEMÁTICOS

Como vimos acima, sílabas não-CV causam perturbações no acento rítmico. Conseqüentemente, a observação de perturbações no padrão acentual de uma palavra fonológica sugere, como primeira hipótese explicativa, a existência de uma sílaba não-CV, mesmo que esta não seja imediatamente óbvia.

1. O caso de [f]

O fone fricativo bilabial [f] não é, em Tiriyo, um fonema. Em uma parte dos casos em que ocorre, há variação livre (dependente, ao que parece, da velocidade de fala) com [p]. Entretanto, quando a sílaba precedente termina em [h], o [f] é muito mais estável, sendo pronunciado como [p] apenas por falantes mais velhos e em pronúncia extremamente vagarosa e silabada. Podemos dizer que, nestes casos, o [f] é um alofone de /p/ que ocorre após /h/. É interessante observar, entretanto, que os falantes mais jovens tendem a não mais pronunciar o [h] do grupo [hf]; sobra apenas o [f], sem nenhum fator condicionante.

Poder-se-ia pensar que, com o desaparecimento do [h], o [f] adquiriria *status* fonêmico. Contudo, mesmo no dialeto dos mais jovens, permanece um resquício do [h] desaparecido: a vogal que

precede o [f] sempre recebe acento secundário, qualquer que seja sua posição no interior da palavra fonológica (ou seja, a sílaba que precede o [f] não obedece ao padrão acentual rítmico do Tiriyo):

	Pronúncia conservadora	Pronúncia inovadora	
/yahpota/	[yáh.fò.tà]	[yáá.fò.tà]	‘eu arrotei’
/wiponohpo/	[wì.póó.nóh.fò]	[wì.póó.nóó.fò]	‘eu perguntei a ele’
/ëyoroHPami/	[ë.yóó.róh.fà.mì]	[ë.yóó.róó.fà.mì]	‘você ficou tonto/doido’

Considerando-se a extrema regularidade do padrão acentual rítmico, parece mais sensato supor que a sílaba anterior a [f] não é CV, mas sim CVh (o melhor candidato dentre as sílabas não-CV, em vista da pronúncia mais conservadora). A alternativa seria admitir a existência de um fonema /f/ que invariavelmente prolonga a vogal anterior; como isto seria um fato inédito na língua, a hipótese anterior parece preferível (mas veja-se a conclusão).

Incidentalmente, esta análise prevê corretamente a ausência de palavras começadas por [f], já que este fone pressuporia a existência de uma sílaba CVh anterior, não podendo, desta forma, ocorrer na primeira sílaba de uma palavra.

2. O caso de [ñ]

O fone nasal palatal [ñ], como o fone bilabial fricativo [f], parece ser um fonema independente em Tiriyo, pois ocorre em pares análogos como [nana] ‘abacaxi’ vs. [aña] ‘nós (exclusivo)’. Contudo, um exame mais cuidadoso dos dados revela argumentos desfavoráveis à hipótese do *status* fonêmico de [ñ]. Em primeiro lugar, a maioria absoluta das ocorrências de [ñ] se dá quando a um morfema terminado em /n/ é adicionado um sufixo iniciado por /y/:

/w-onan/	[wò.náh]	‘eu escondi/enterrei’
/w-onan-yae/	[wò.ná.ñàe]	‘eu estou escondendo/enterrando’

Este fato está perfeitamente de acordo com uma tendência geral em Tiriyó segundo a qual consoantes nasais em fim de sílaba assimilam o ponto de articulação da consoante inicial da sílaba seguinte.

/w-onan-po/	[wò.nám.pò]	‘eu fiz ele esconder/enterrar’
/w-onan-tae/	[wò.nán.tàe]	‘eu esconderei/enterrarei’
/i-pan-kon/	[i.pán.kòn]	‘os netos de todos eles’

Seriam todos os [ñ] em Tiriyó na realidade /ny/? Esta parece ser a melhor análise para os casos em que há alternância sincrônica, como acontece com o verbo ‘esconder/enterrar’. Que dizer, porém, dos casos em que não há alternância?

Observa-se, nos poucos exemplos encontrados, que a vogal que precede o [ñ] está sempre acentuada, qualquer que seja a sua posição no interior da palavra fonológica.

/ponyeke/	[pó.ñè.kè]	‘queixada, porco selvagem’
/anya-rë/	[á.ñà.rè]	‘nós (EXCLUSIVO) mesmos’

Isto sugere que a sílaba anterior ao [ñ], sendo sempre acentuada, é de tipo não-CV. Se supusermos que [ñ] = /ny/, encontramos uma explicação simples: a fronteira silábica ocorre entre o /n/ e o /y/ (ou seja, [ñ] = /n.y/), o que implica que o /n/ faz parte da sílaba anterior e que esta, conseqüentemente, é de tipo não-CV (de fato, CVN) e, portanto, sempre acentuada. Incidentalmente, isto também explica porque a vogal da sílaba anterior não é prolongada. De fato, em /ponyeke/ e /anya-rë/, as vogais /o/ e /a/ não estão em sílabas de tipo CV, e o acento secundário realiza-se apenas como tom alto.⁵

⁵ Cumpre mencionar que o fone [ñ] costuma ser precedido por um pequeno [i] ou [y], aparentemente um som transicional entre a vogal e o [ñ]. Assim, /anya/ ‘nós (exclusivo)’ é pronunciado [añña] (ou, às vezes, [a'ñ.ña]). Isto torna a sílaba que precede o [ñ] bem diferente foneticamente de uma sílaba CV. Note-se, *en passant*, que é possível que este [i] seja um resquício do /y/ original, talvez o resultado de um processo diacrônico de metátese. Esta possibilidade, contudo, não afeta a presente análise de [ñ] (ou melhor, [iñ]) como /n.y/.

Outro fato favorável à análise de [ñ] como /ny/ é a ausência, como no caso do fone [f], de palavras iniciadas por [ñ]. Como não há em Tiriyo grupos consonantais em início de palavra (excetuando-se alguns ideofones), supor que [ñ] = /n.y/ implica que deve haver no mínimo uma sílaba antes do /y/, o que impede a ocorrência de [ñ] em início de palavra.

3. O caso de [h]

O fone [h] em Tiriyo ocorre sobretudo em final de sílaba. Observamos, em muitos casos, que um [h] pode estar em alternância com uma sílaba inteira no paradigma de certos morfemas:

/p̄itai/	‘sapato’	/yi-htai/	‘meu sapato’
/t-ëënik̄i/	‘eu dormi’	/t-ëënih-tae/	‘eu dormirei’
/ni-yatu/	‘queimou’	/ni-yah-tan/	‘queimará’
/m-epori/	‘você encontrou’	/m-epoh-tae/	‘você encontrará’

Em alguns morfemas, [h] não alterna com nenhum outro segmento. Pode-se, entretanto, argumentar que havia uma sílaba a mais, comparando-se o morfema com cognatos em línguas mais conservadoras; esta sílaba teria sido perdida em um processo histórico de redução silábica.⁶

/yi-yahta/	‘minha axila’	/ni-kahtan/	‘goteja, pinga’
/mahto/	‘fogo’	/ikuhtu/	‘sinal; semelhança; parente’

(cf. Tamanaco /mapoto/ ‘fogo’, em Mattéi-Muller & Henley 1990)

Em casos como este, torna-se necessário reconhecer o *status* fonêmico do fone [h]: a ausência de alternância torna o [h] imprevisível. Observe-se, além disso, a existência de pares mínimos ou

⁶ Para uma descrição detalhada do que se sabe sobre o processo de redução silábica em línguas da família Karíb, veja-se Gildea 1995.

Tiriyó-H	Tiriyó-K	
/kihae/	/kiihae/	‘nós dois estamos dizendo’
/tuha/	/tuuka/	‘castanha-do-Pará’

Este fato sugere a análise dos casos de [h] em início de sílaba como /h.k/. Em apoio a esta hipótese, podem ser citados os seguintes fatos adicionais:

(a) Na pronúncia bem pausada e cuidadosa de falantes mais velhos de Tiriyó-H, o [h] em início de sílaba ainda pode ocorrer como [hx] ou [hg]; em alguns poucos casos, até mesmo [hk] foi obtido.

(b) A vogal da sílaba anterior ao [h] não é prolongada; ela apenas recebe tom alto (vejam-se os exemplos acima). Isto é explicado pela presença do /h/ no fim da sílaba, que é de tipo CVh.

(c) Sufixos iniciados por [k] perdem este [k] quando precedidos por morfemas que terminam em [h], gerando casos de [h] em início de sílaba. Considere-se, por exemplo, o caso do imperativo:

Passado Remoto	Futuro (/tae/)	Imperativo (/kë/)
/w-eta/ ‘eu ouvi’	/w-eta-tae/ ‘eu ouvirei’	/eta-kë/ ‘ouça!’
/w-ene/ ‘eu vi’	/w-ene-tae/ ‘eu verei’	/ene-kë/ ‘veja!’
/wi-ponopi/ ‘eu narrei’	/wi-ponoh-tae/ ‘eu narrarei’	[ipónóhë] ‘narre!’
/yi-tati/ ‘eu me perdi’	/yi-tah-tae/ ‘eu me perderei’	[ëtáhë] ‘perca-se!’

Um exame das formas acima listadas sugere que o imperativo dos verbos ‘narrar’ e ‘perder-se’ é baseado no alomorfe terminado em [h] (como as formas do futuro), seguido pelo morfema /-kë/ ‘imperativo’: /iponohkë/ e /ëtahkë/.

Os fatos supracitados justificam a análise dos casos de [h] em início de sílaba como /h.k/.⁷ Apenas os [h] em fim de sílaba podem legitimamente ser considerados como advindos de um fonema /h/.

⁷ Note-se que essa análise só é realmente válida para o Tiriyó-H. Em Tiriyó-K, há somente /:k/, que corresponde a /h.k/ (p.ex. /tuhka/ ‘castanha-do-Pará’) e /:k/ (p.ex. /maakë/ ‘mosquito’) em Tiriyó-H.

CONCLUSÃO: FONOGÊNESE

No presente trabalho, examinamos três fones que poderiam, à primeira vista, ser tomados por fonemas independentes. Foram propostas análises em termos de outros fonemas: [f] como alofone de /p/, ocorrendo sobretudo após /h/; [ɲ] como ocorrência superficial da seqüência /n.y/; [h] em início de sílaba, como ocorrência superficial da seqüência /h.k/ (em Tiriyó-H). Embora estes três fones possam ocorrer e até contrastar com outros fonemas consonantais em início de sílaba, o efeito perturbador que eles exercem sobre o padrão acentual rítmico é ainda capaz de isolá-los como casos à parte.

Não obstante, cumpre observar que o efeito perturbador é a única característica fonológica que permite a identificação de [f], [ɲ] e [h] (em início de sílaba) como realizações de /h.p/, /n.y/ e /h.k/. Não é imediatamente óbvio que essa identificação seja feita pelos falantes. Por exemplo, os falantes que produzem a seqüência [:f] ([f] precedido por prolongamento) poderiam, teoricamente, representá-la como /:.f/ ao invés de /h.p/ (por exemplo, /wiponofo/ 'eu perguntei a ele' ao invés de /wiponohpo/), o que seria perfeitamente possível em Tiriyó, em vista da existência, independentemente, de vogais longas fonêmicas. Para o [h] em início de sílaba, uma análise como /h.h/ não é de todo impossível; de fato, em uma ocasião de elicitación com um informante alfabetizado, a seqüência <hh> foi obtida espontaneamente.⁸ Para comparação, veja-se abaixo uma lista do tratamento dado a /h.p/, /n.y/ e /h.k/ nas duas ortografias atualmente em vigor entre os Tiriyós, a dos missionários protestantes do Suriname e a dos missionários católicos franciscanos do Brasil:

	Ortografia do Suriname	Ortografia do Brasil
/h.p/	<hp>	<f>
/n.y/	<nj>	<ny>
/h.k/	<hk>	<h>

⁸ Cumpre mencionar, entretanto, que o informante corrigiu esta seqüência, ao relê-la.

A ortografia do Suriname é baseada em uma análise implícita à que foi desenvolvida no presente trabalho; mesmo o grafema <nj> é coerente com a representação do fonema /y/ como <j>, solução utilizada no Suriname. A ortografia do Suriname é das duas a mais usada; mesmo no Brasil, parece haver um número significativo de pessoas que a empregam. Contudo, tanto quanto tenha sido possível observar, os falantes que utilizam a ortografia do Brasil não parecem ter problemas com a representação de /h.p/ e /h.k/ como <f> e <h>, o que torna o *status* dessas seqüências um pouco mais difícil de determinar com segurança, sem um exame mais detido da ‘realidade psicológica’ dessas seqüências na gramática dos falantes. O estudo mais detalhado dessa questão poderá levantar questões interessantes sobre a relação entre análise fonológica e desenvolvimento de ortografias práticas: qual seria a melhor solução ortográfica para /h.p/, /n.y/ e /h.k/?⁹

Trata-se, visivelmente, de um caso fronteiro; com apenas o efeito perturbador sobre o acento rítmico como pista para a detecção das seqüências /h.p/, /n.y/ e /h.k/, não é difícil imaginar que, mesmo que elas ainda sejam analisadas pelos falantes como grupos consonantais, o seu futuro venha a ser o de tornarem-se consoantes simples na fala das próximas gerações. É possível que isso já tenha acontecido pelo menos com /h.p/, se de fato houver falantes que possuam /:f/ em seu lugar. Seria interessante verificar se estudos sociolingüísticos poderiam levar a uma melhor compreensão dessa situação.

⁹ Incidentalmente, há também o problema de decidir se seria ou não uma boa idéia utilizar a ortografia <hk> em Tiriyo-K, que parece possuir apenas /:k/ ao invés de /h.k/. É também possível que a realização de /h.p/ em Tiriyo-K seja [t.p]; contudo, os dados disponíveis não são conclusivos, pois, tanto quanto foi possível determinar, o Tiriyo-K não é um dialeto falado na Missão Tiriós (foram encontrados apenas alguns falantes oriundos de outros lugares, cujo dialeto parecia ter sofrido a influência do dialeto local mais freqüente, o Tiriyo-H). Uma coleta de dados mais sistemática sobre a variação dialetal em Tiriyo está em planejamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBOTT, M. 1991. Makushi. In: DERBYSHIRE, D.C. & GEOFFREY, K.P. *Handbook of Amazonian Languages*. v.3. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.p. 23-161.
- DERBYSHIRE, D.C. 1979. *Hixkaryana. Lingua Descriptive Series*. v. 1. Amsterdam, North-Holland Publishing Company.
- DERBYSHIRE, D.C. 1985. *Hixkaryana and linguistic typology*. The Summer Institute of Linguistics/University of Texas at Arlington. (Publication, 76).
- GILDEA, S. 1995. A comparative description of syllable reduction in the Cariban language family. *Int. J. Am. Linguist.*, 61(1): 62-102.
- GILDEA, S. (s.d). *Rhythmic Stress in Kaxuyâna*. ms.
- HALL, K.L. 1988. *The Morphosyntax of Discourse in De'kwana Carib*. Washington, Washington University. Tese de doutorado.
- HOFF, B.J. 1968. *The Carib Language*. The Hague, Martinus Nijhoff.
- MATTÉI-MULLER, M.-C. & HENLEY, P. 1990. *Los Tamanaku: Su Lengua, Su Vida*. San Cristóbal, Universidad Católica del Táchira.
- MEIRA, S. (s.d). *The Rhythmic Stress System of Tiriyo (Cariban)*. ms.

Recebido: 23.04.96

Aprovado: 02.07.97